

A Imprensa Pró-Alemanha no Rio de Janeiro durante a Primeira Guerra Mundial

The Pro-German Press in Rio de Janeiro during the First World War

Livia Claro Pires (<https://orcid.org/0000-0003-2870-3149>) 

<http://lattes.cnpq.br/5884826195227430>

Doutoranda em História Social (PPGHIS). Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

E-mail: liviaclarop@gmail.com

Resumo: Neste artigo, pretende-se elucidar a maneira como os periódicos fluminenses posicionados favoravelmente ao Império Alemão estruturaram suas publicações em concomitância com o sistema de propaganda bélica do Reich. Conjuntamente a esse objetivo, busca-se identificar os agentes envolvidos na construção da imprensa germanófila na capital da República, suas motivações e interconexões, atuando como conectores. Para a análise, foram escolhidos o jornal A Tribuna e a revista Vozes de Petrópolis, por estes serem continuamente mencionados como veículos de propaganda e do discurso pró-Alemanha tanto pela documentação dos governos aliados, quanto pela produzida pelos Rio-Deutsche. Entende-se que tais órgãos da imprensa periódica foram, além de plataformas para as metas da campanha militar do Reich na Primeira Guerra Mundial, atores na construção de conveniências próprias, por meio de interpretações da conflagração

Palavras-chave: Primeira Guerra Mundial; Imprensa Fluminense; Germanófilos.

Abstract: This article aims to explain how periodicals in Rio de Janeiro that were favorably positioned toward the German Empire structured their publications in conjunction with the Reich's wartime propaganda system. Along with this objective, it seeks to identify the agents involved in building the Germanophile press in the capital of the Republic, their motivations, and their interconnections, which acted as connectors. For this analysis, the newspaper A Tribuna and the magazine Vozes de Petrópolis were chosen because they were continuously mentioned as vehicles for pro-German propaganda and discourse by both Allied government documentation and that produced by the Rio-Deutsche. It is understood that these periodic press organs were not only platforms for the military campaign goals of the Reich in World War I but also actors in building their own conveniences through interpretations of the conflagration.

Keywords: First World War; Rio de Janeiro Press; Germanophiles.

A Imprensa e a Primeira Guerra Mundial

A imprensa teve papel imprescindível ao longo da Primeira Guerra Mundial. Os periódicos em seus diferentes formatos foram fundamentais nos países beligerantes para a mobilização da sociedade civil. Nas suas páginas, foram divulgados discursos de justificativa para o estado de beligerância, de aceitação tanto dos seus reveses, quanto da sua inesperada duração, visando amalgamar a sociedade em torno do confronto e silenciar dissonâncias, que poderiam colocar em risco o desempenho bélico dos governos beligerantes. Por esse motivo, jornais e revistas tornaram-se as principais plataformas de observação das *culturas de guerra* nas diferentes populações afetadas pelo conflito, simultaneamente repercutindo tais culturas e sendo moldados por elas. Aos que se encontravam fisicamente distantes do conflito, assim como em países que assumiram neutralidade, foram os jornais e revistas de periodicidade variada que oportunizaram a informação e a participação nos seus acontecimentos.

A centralidade da imprensa para os esforços de guerra percebe-se através do controle exercido pelos governos combatentes sobre os seus respectivos meios de comunicação. Na Alemanha, houve a imediata supressão da *Reichspressegesetz*, legislação aprovada em 1874, garantidora de maior liberdade de imprensa. A medida viabilizou a instauração da censura e do controle militar sobre a circulação da notícia. No ano seguinte, em outubro de 1915, foi criado o *Kriegspresseamt*, órgão governamental destinado ao controle da mídia. Em consonância, organizou-se a *Pressebesprechungen*, coletivas de imprensa presididas por oficiais da *Kriegspresseamt* junto a representantes do setor, com a finalidade de informar e prestar alguns esclarecimentos sobre os acontecimentos envolvendo a campanha germânica (Keisinger, 2014, p. 8).

Já na Grã-Bretanha, determinações semelhantes foram adotadas no primeiro mês da guerra. A implementação do *Defense of the Realm Act* (DORA), que instaurou a censura da mídia e o banimento de discussões consideradas nocivas à segurança nacional em espaço público, pavimentou o gerenciamento da imprensa pelo governo. No primeiro mês de beligerância, Londres instituiu o *Press Bureau*, administrado por Lord Kitchener, então secretário de guerra. O departamento era representante direto do governo com os órgãos da imprensa, repassando às redações textos e fotografias oficiais a serem publicados, e uma lista de assuntos tidos como “tabus”, proibidos de serem noticiados ou debatidos (Monger, 2014, p. 2). França e Áustria-

Hungria também tomaram providências para instituir o controle de seus órgãos de imprensa¹³ (Keisinger, 2020, p. 8-11).

Apesar das coibições às atividades da imprensa, a relação com o Estado ao longo da Primeira Guerra Mundial não foi exclusivamente de embate. As demandas da conflagração exigiram o uso de instrumentos dispostos pela imprensa industrializada, abrindo um campo de manobra entre empresários da comunicação e governos. Na França, o dono do *Petit Parisien* e nome influente na imprensa de Paris, Jean Dupuy, era censor atuante na capital (Beurier, 2014, p. 4). Já a agência de notícias *Havas* mantinha laços estreitos com o Palácio do Eliseu, o que favoreceu a abertura de escritórios por toda a América Latina (Arouca, 2023, p. 77). Na Grã-Bretanha, o representante da NPA, o deputado Sir George Riddell, foi nomeado em março de 1915 como delegado da imprensa junto ao Departamento de Guerra e ao Almirantado, coordenado por Winston Churchill.¹⁴ Já o Departamento de Informação, estabelecido em 1916, teve entre seus conselheiros donos e editores dos principais jornais do país, como Lord Burnham, Robert Donald e Lord Northcliffe. Este último, dono do *Daily Mail* e do *Daily Mirror*, veio a ser nomeado chefe da propaganda britânica para países neutros. Havia, portanto, uma simbiose de interesses entre os empresários da comunicação e o Estado conflagrado (Marquis, 1978, p. 8-9).

Fosse através do controle, fosse por meio de acordos de cooperação, a aproximação entre Estado e imprensa evidenciado durante a Primeira Guerra Mundial ocorreu em vista da influência dos periódicos sobre o comportamento político da sociedade, através da sua capacidade de formar a *opinião pública*. Compreende-se a *opinião pública* a partir da combinação das ideias do historiador Jean-Jacques Becker e do jornalista Ignacio Ramonet. Segundo Becker (2000, p. 188-193), a *opinião pública* deriva-se da mescla entre “estado das mentalidades e do contexto”, e diante do evento, por estar enraizada nas mentalidades do coletivo, é também plural e sujeita ao condicionamento. Segundo Ignácio Ramonet (2013, p. 97-98), um dos elementos capazes de condicionar a *opinião pública* é a imprensa enquanto veículo de comunicação de massa. Ramonet ainda afirma que, moldada a partir das informações que lhes chegam por meios das mídias informativas, dentro das sociedades democráticas a *opinião pública* comporta-se como

¹³ Além do controle sobre suas atividades, a imprensa de países combatentes lidou com a queda no número de exemplares e, conseqüentemente, de vendas. Isso aconteceu devido à falta de recursos materiais e humanos, afora a censura (Keisinger, 2020, p. 7).

¹⁴ Os títulos de maior circulação pertenciam a grandes empresas, cujos proprietários, integrantes das elites econômicas e políticas do país, se organizavam em corporações, como a *Newspaper Proprietors Association* (NPA).

um *quarto poder*, capaz de influenciar ações governamentais. Nesse ponto, comporta-se como um *grupo de pressão*, manifestando o interesse de intervir nos poderes públicos (Meynaud, 1960, p. 9-10).

A Grande Guerra representou, portanto, um novo capítulo na concorrência do mercado de comunicação, agora acrescida do valor estratégico para o conflito. Tentativas de estabelecer uma conexão direta com o teatro de guerra e conseguir notícias em primeira mão não era uma possibilidade viável naquele momento às redações latino-americanas, em virtude do alto custo e risco de enviar um correspondente, além da censura e vigilância dentro dos territórios conflagrados. Uma vez que as agências estavam comprometidas com os interesses de seus respectivos governos, as notícias repassadas aos assinantes latino-americanos tinham um alto teor de propaganda¹⁵ (Vega, 2014, p. 6). Em vista desse processo, a imprensa foi o principal difusor da propaganda de guerra na América Latina, tanto da parte dos Aliados, quanto da parte dos Impérios Centrais.

É importante ressaltar que jornais e revistas daquela região não incorporaram a guerra aos seus editoriais de forma passiva e desinteressada, obedecendo unicamente a demandas externas. Entre os latino-americanos, jornais e revistas detinham credibilidade extraída de uma presumível objetividade na transmissão da notícia, fruto dos parâmetros capitalistas que as redações sofreram nas décadas iniciais do século XX. A *imparcialidade da imprensa* tornou-se uma exigência no seu processo de modernização, e foi utilizado como instrumento de credibilidade. Esta percepção contribuiu para que as informações sobre a guerra apresentadas nos periódicos adquirissem tom de veracidade.

No entanto, deve-se recordar que a ação da imprensa não está ausente de intencionalidade. O ato de “informar” obedece a critérios de seleção e apresentação do fato ao leitor. Segundo Marta Barbosa (2006, p. 266),

[...] informar não é apenas para informar, mas para ensinar o leitor a respeito dos fatos novos, e, ainda, informar pode implicar difundir valores, fotografar imagens revistas e corrigidas pela atualidade. Informar, ensinar, fotografar, difundir, tornam-se imperativos necessários à construção de ‘consensos’ de ‘verdades’.

Por isso, Barbosa (2006, p. 268-269) explica que “a imprensa pode ser pensada não como um mero veículo de informações, mas como agente social que produz ações, intervenções”.

¹⁵ Ainda assim, o *Jornal do Comércio*, em 1916, encaminhou o jornalista e fundador da Liga pelos Aliados, Eliseu Montarroyos, como correspondente em Paris (Pires, 2019, p. 113).

Compreendida como *agente social*, a imprensa latino-americana ofereceu uma disputa de narrativas sobre a conflagração, inter cruzando diversos interesses: dos proprietários dos periódicos, dos grupos sociais locais, dos Estados nos quais se circunscrevem, das empresas de nacionalidade beligerantes e dos governos combatentes.

A Cobertura da Grande Guerra nos Jornais Fluminenses

A Primeira Guerra Mundial estampou as páginas dos jornais do Rio de Janeiro desde o seu início. A partir de agosto de 1914, os principais periódicos da capital federal, como o *Jornal do Comércio*, *O Paiz* e *O Imparcial*, apresentaram a conflagração diariamente em sua primeira página, abriram seções especialmente dedicadas à publicação dos telegramas encaminhados pelas agências de notícias, e publicaram artigos de análise daqueles eventos.¹⁶ O enfoque dado ao conflito demonstrava o alinhamento da maioria dos títulos fluminenses à narrativa aliada.

Isso se deu por uma série de motivos. Um deles, foi a estrutura da comunicação internacional no país. Na América do Sul, e no Brasil, em particular, companhias de telégrafo e agências de notícias francesas e britânicas dividiram o monopólio desse tipo de comunicação. A partir de 1876, a agência de notícias francesa *Havas* garantiu o predomínio dos seus serviços de informação, suplantando a concorrência da *Reuters*.¹⁷ Os britânicos, no entanto, controlaram até 1919 a comunicação via cabos telegráficos, através da *Western Telegraph Company* e da *South American Company* e da *Western Union*. Houve uma tentativa da empresa alemã *Felten und Guilleaume* – conhecida também como *German South American Company* – de se estabelecer entre os sul-americanos, através de uma concessão do governo brasileiro para construir uma estação em Recife, Pernambuco, mas que foi interrompida em agosto de 1914 (Arouca, 2023, p. 72-73). Ou seja, as principais fontes de informação dos noticiários internacionais da imprensa brasileira eram controladas por empresas de nacionalidade aliada.

Quando a guerra começou, essas agências e empresas de serviço telegráfico foram colocadas dentro da estrutura da censura de seus respectivos países de origem. A *Havas* submetia seus textos e comunicados a *Maison de la Presse*, órgão coordenador da censura ligado à chancelaria

¹⁶ Tal espaço é um indicativo do interesse dos leitores pelo assunto, o que se confirma pelo volume de cartas cujo tema era a guerra. Dessa forma, rebate-se o argumento de Sidney Garambone (2003, p. 43-44), segundo o qual pouca importância foi dada pelos jornais aos acontecimentos do Velho Continente entre julho e dezembro de 1914. Outros estudos mais recentes acabaram por replicar essa informação equivocada, como o de Olivier Compagnon (2014, p. 66).

¹⁷ Os principais serviços oferecidos pela *Havas* eram no setor privado e comercial, sendo a imprensa um cliente conquistado posteriormente (Arouca, 2023, p. 72).

francesa. Já as empresas de telégrafos britânicas sofreram a intervenção do *Press Bureau* nas suas atividades. No que tange às notícias recebidas pelas redações fluminenses, portanto, estas encontravam-se mediadas tanto pela censura francesa, quanto pela censura inglesa (Arouca, 2023, p. 80).

Além disso, houve tentativas de intervenção direta do sistema de propaganda aliada sobre órgãos da imprensa local. Nesse sentido, a tática da Entente se assemelha à utilizada pelo Império Alemão, com a fundação de jornais voltados para fins de propaganda e a compra de títulos já existentes. Assim, foi criado o jornal *O Espelho*, por iniciativa da entidade particular britânica *Brazil Press Association*. Possuía um duplo objetivo: narrar a guerra sob a perspectiva de Londres e ampliar as relações comerciais com o Brasil. Apesar de ser uma iniciativa privada, *O Espelho* recebeu subsídios da *Wellington House*, e circulou de forma ininterrupta de 1914 a 1919 não apenas no Brasil, mas também em Portugal e suas colônias (Arouca, 2023, p. 196-197). Houve, ainda, tratativas com editores do jornal *O Século* e da revista *Liga Marítima Brasileira* para receberem verbas como forma de mantê-los alinhados à narrativa aliada.¹⁸

O principal objetivo dos agentes consulares parecia ser, contudo, aliciar o *Jornal do Comércio*. O desejo dos representantes do governo britânico de se apropriarem do periódico se justifica pela sua relevância para a imprensa da capital. O *Jornal do Comércio* era um dos mais tradicionais títulos, fundado em 1827 pelo livreiro e tipógrafo francês Pierre François Plancher de La Noé. Em 1889, com a Proclamação da República, o austríaco Francisco Picot e o brasileiro Júlio de Villeneuve venderam a propriedade a José Carlos Rodrigues. A partir de então, o jornal endossou o recém-fundado regime, ganhando notoriedade entre a elite política republicana ao passo que se consolidava como parte da empresa capitalista Rodrigues & Cia (Leal; Sandroni, 2010, p. 1-7).

No primeiro semestre de 1915, o proprietário José Carlos Rodrigues pôs à venda o *Jornal do Comércio*, arrematado por Antônio Botelho e posto sob a direção de Félix Pacheco (Leal; Sandroni, 2010, p. 8). A decisão de Rodrigues surpreendeu as redações do período. Quando o pagamento da folha pareceu ser rejeitado pelas autoridades britânicas, cogitou-se, ainda, encomendar ao escritor Olavo Bilac artigos favoráveis à causa, para serem veiculados no *Jornal*

¹⁸ Londres. *National Archives*. Cópia da carta enviada por F. H. Walter, nº 1160. Documento anexo à mensagem a F. H. Walter & Co. de F. H. Drummond-Hay, cônsul-geral interino britânico, *sem data (localização não identificada)*.

do *Comércio*.¹⁹ Alguns anos mais tarde, Dunshee de Abranches (1917, p. 335) levantaria suspeitas sobre supostas ligações entre o antigo proprietário da mais tradicional folha fluminense e os governos aliados, insinuando que o título havia sido posto sob a tutela financeira dos inimigos do *Reich*.

O perfil da imprensa da capital também contribuiu para o enfoque pró-Aliados dado à guerra. Eram os membros dessas elites do país que compunham o círculo de proprietários e as redações das principais folhas do Rio de Janeiro. Entre os donos dos maiores jornais, prevaleciam os bacharéis em Direito, egressos de famílias abastadas e tradicionais, relacionadas, em muitos casos, a personagens políticos do antigo Império. Seguem este padrão, por exemplo, Edmundo Bittencourt, fundador do *Correio da Manhã*, e José Carlos Rodrigues, proprietário do *Jornal do Comércio*. As chefias das redações encaixam-se na mesma descrição, como Leão Veloso Filho e Henrique Chaves, redatores-chefe, respectivamente, do *Correio da Manhã* e da *Gazeta de Notícias*. A atuação na imprensa – fosse como proprietário ou como membro da redação – por vezes estava conjugada à atuação política junto ao Estado, sendo a imprensa uma espécie de trampolim para a vida pública (Barbosa, 2000, p. 66-67).

Havia uma identificação cultural das elites do país com a Inglaterra e, em especial, com a França, o que contribuiu para pender a narrativa em direção àquele bloco de combatentes, numa tendência verificada em outros locais da América Latina.²⁰ No Rio de Janeiro, essa influência do modelo civilizacional francês era mais evidente, em especial em função das reformulações urbanas que atravessaram a cidade na primeira década do século XX.²¹ Festejado entre as elites, o projeto do prefeito Pereira Passos inspirava-se nas transformações pelas quais passou a capital francesa ao final do século XIX, importando os padrões de comportamento e o senso estético parisiense para o cenário carioca. Exaltada como a chegada da dita “civilização”, o plano de reformulação do espaço físico da cidade recebeu amplo suporte daqueles mesmos jornais (Brasil, 2020).

Em somatório a esses fatores, Olivier Compagnon (2014, p. 71) trouxe outro viés explicativo. Segundo o historiador, tais títulos não pretendiam se indispor com os britânicos, principais parceiros comerciais e financeiros do Brasil, publicando artigos que pudessem ser interpretados

¹⁹ Londres. **National Archives**. Ofício n. 190111, de Arthur Peel, ministro plenipotenciário britânico no Rio de Janeiro, ao Foreign Office. 17 Dezembro 1915 (*localização não identificada*).

²⁰ Sobre a inclinação pró-Aliados da imprensa latino-americana, ver Rinke (2017).

²¹ A respeito da majoritária inspiração francesa para as mudanças no espaço urbano e cultural da capital da Primeira República, ver a obra de Jeffrey Needell (1993).

como adulações aos seus inimigos declarados. A preocupação com uma possível retaliação de Londres pode ser compreendida à luz da *Black List* e seus desdobramentos sobre a imprensa industrializada, cujos dividendos e matérias-primas poderiam ser alvo das restrições impostas às empresas de bandeira neutra. Houve episódios que comprovavam tais receios. A Empresa Gráfica Rio-Grandense, responsável pela rodagem do jornal *O Diário*, de Porto Alegre, identificado com uma postura pró-Alemanha, foi incluída na lista negra britânica, assim como o *Diário do Rio*. Destino semelhante tiveram firmas ligadas a impressão, como a Cia. Litográfica Hartmann Reichenbach, de São Paulo, e a Cia. Gráfica Rio-Grandense, de Porto Alegre.²²

A inclinação da imprensa fluminense para demonstrar favorecimento aos Aliados gerou desconforto entre a comunidade de imigrantes alemães no Rio de Janeiro. Os chamados *Rio-Deutsche* eram um núcleo urbano, envolvido em atividades industriais e comerciais, muitas delas voltadas para o mercado externo, em especial a rota comercial entre Brasil e Alemanha (Claro, 2025). A proximidade com o *Reich* não era apenas econômica, mas também simbólica, uma vez que sua *identidade cultural* endereçava ao *germanismo*, a afirmação de pertencimento a uma cultura *alemã* entre as comunidades de imigrantes (Gértz, 1998).

O incômodo com a subversão da opinião pública brasileira por força da imprensa da capital foi registrado nas memórias do centenário da *Sociedade Germania*, a principal associação dos *Rio-Deutsche* (Michahelles, 2003). Heinrich Hinden (1922, p. 476) insinua que os jornais brasileiros recebiam financiamento aliado, para construir o favoritismo francês. Acusou ainda essas folhas de escreverem de maneira acrítica contra os alemães, absorvendo sem questionamentos ou buscas por contrapontos às informações encaminhadas pelos telegramas não apenas da agência *Havas*, como também da *Reuters* (Hinden, 1922, p. 478).

Apesar do cenário desfavorável, o memorialista identificou a existência de canais da imprensa que se propuseram a apresentar o viés alemão dos acontecimentos aos brasileiros. Heinrich mencionou os jornais *Diário do Rio* e *A Tribuna*, e a revista *Vozes de Petrópolis*. Enquanto o primeiro era uma tradução do jornal *Deutsche Zeitung*, os outros dois já eram existentes antes do início do conflito e pertenciam a entidades sem qualquer ligação institucional aparente com a Alemanha. Embora Hinden (1922, p. 476-479) reconheça as limitações tanto do alcance da *Vozes*, quanto d'*A Tribuna*, afirmando que seus esforços foram pouco frutíferos diante do

²² Os exemplos aqui enumerados foram divulgados na listagem anexada por Dunshee de Abranches (1916, p. 63-72), em carta endereçada ao presidente Wenceslau Brás.

esquema de comunicação erguido pelos Aliados, os apontou como órgãos da imprensa fluminense que se esforçaram em quebrar a hegemonia daquela narrativa.

O jornal A Tribuna

Citado por Hinden, o vespertino *A Tribuna* foi um dos títulos mais conhecidos da imprensa fluminense no início do século XX. O jornal tem suas origens no *A Tribuna Liberal*, fundado nos primeiros anos da República brasileira pelo monarquista – e posteriormente *germanófilo* – Carlos de Laet. Seu compromisso era fazer oposição ao regime recém-instaurado. A primeira versão teve vida curta, e em 1890, foi resgatado por Antônio de Medeiros, já sob o título de *A Tribuna*. O caráter opinativo no que tangia à política brasileira o fez ser empastelado no governo de Floriano Peixoto. O jornal foi reinaugurado anos mais tarde, como parte integrante da Sociedade Anônima O Malho, fundada em conjunto pelo deputado Luiz Bartholomeu de Souza e Silva, e pelo senador pelo estado de Mato-Grosso Antônio Azeredo.²³

Nas suas páginas, a guerra foi contada de forma favorável à Alemanha. O título se destaca não apenas por estar na contramão da *aliadofilia* generalizada da imprensa brasileira, mas pela maneira combativa com que assumiu a cobertura da guerra. Tornou-se não apenas veículo de comunicação para a parcela da intelectualidade fluminense que pôs sua pena a serviço do povo alemão, como também norteou os seus discursos, direcionou ações, sendo plataforma e elemento de mobilização desses sujeitos em torno de uma pauta comum. De forma intensa e constante, até abril de 1917, quando o Brasil rompeu relações com o governo de Guilherme II, o periódico se manteve entrincheirado em favor da *causa alemã*.

Porém, essa postura não pode ser observada desde os primeiros meses da guerra, quando não havia diferença entre a cobertura da beligerância executada pelo *A Tribuna* e a dos demais jornais da cidade. Nos dois primeiros meses, o tema da guerra ocupou, de forma irregular, parte da primeira página, ficando restrita aos espaços que foram sendo criados para abordar exclusivamente o assunto. Nos textos, imperava o caráter descritivo da movimentação das tropas, das batalhas, da política interna de cada um dos beligerantes. O ângulo da notícia também era o mesmo. Gravuras mostrando o avanço das tropas de França e Inglaterra, e as derrotas dos alemães em suas empreitadas, estampavam a capa do jornal. Quando da invasão

²³ A S.A. “O Malho” contava ainda no seu catálogo com a famosa revista satírica de mesmo nome, o almanaque infantil “Tico-Tico” (fundado por Luiz Bartholomeu), além de “A Ilustração” e “A leitura é para todos” (Pinheiro, 2010).

do reino da Bélgica pelo exército do Kaiser – tendo este assunto alcançado uma única vez a folha de capa em 1914 –, o *A Tribuna* abraçou a narrativa aliada. Relatava os maus-tratos impostos pelos invasores aos civis, corroborando a existência da “barbárie alemã” baseados em textos da imprensa francesa e inglesa, que circulavam traduzidos em suas páginas. No dia 04 de agosto de 1914, o editorial que abria a primeira página descrevia os acontecimentos do continente europeu da seguinte forma:

Contra a alucinação do kaiser, querendo dominar a Europa, a ferro e fogo, todos os corações do mundo se revoltam. É contra a Alemanha quase todas as nações do continente se congregam, para a resistência material que tão assombrosa sede de sangue está a impor para a defesa de seus brios ofendidos, de seu território e de seu futuro insolitamente ameaçados.²⁴

O jornal sofreria uma mudança radical em sua postura a partir de outubro de 1914. No dia 13, toda a folha de capa foi ocupada por artigos publicados no berlinense *Deutsches Handelstages*. A decisão de levar a tradução para o português desses textos aos seus leitores foi devidamente justificada pelo jornal como uma ação movida “a título de curiosidade”, já que “chegavam ao Rio com uma certa regularidade jornais publicados em Berlim que demonstram que a situação na Alemanha não é de perturbação geral nas suas vidas, como publicam despachos telegráficos de origem francesa”.²⁵ Em nome do alegado interesse, foram reproduzidas não apenas reportagens que davam conta da rotina dos alemães em meio ao conflito, como também elogios àquele povo, à sua alegada índole pacifista e diplomática, à sua política econômica e à sua força naval. Ao passo que o *Berliner Tageblatt*, *Deutsches Handelstages*, *Hamburger Fremdenblatt* e *Hamburger Nachrichten* – estes últimos ligados a agência de notícias alemães *Transocean* – assinavam os textos reproduzidos no jornal, aumentava a frequência de artigos críticos a franceses, belgas e outros aliados.

As modificações feitas pela gazeta na cobertura da guerra se aprofundaram ao final do ano de 1914. As gravuras e fotografias veiculadas na página de rosto deixaram de retratar a rotina dos soldados da Entente e suas conquistas, e deram lugar a imagens do contingente militar dos Impérios Centrais e seus avanços nas frentes de batalha. Mapas mostrando as áreas que caíam sob o domínio das tropas alemãs, e tabelas comparativas entre o desempenho das forças do Kaiser e dos Aliados, também foram recursos largamente utilizados. Por exemplo, no dia 21 de outubro, o jornal estampou em sua primeira página um grande mapa mostrando a movimentação

²⁴ “A conflagração europeia”. *A Tribuna*, 04 ago. 1914, n. 5400, p. 1.

²⁵ “O que diz a imprensa”. *A Tribuna*, 13 out. 1914, n. 5460, p. 1.

de alemães, austríacos e búlgaros na invasão à Sérvia.²⁶ A agência Havas e demais veículos da imprensa francesa e inglesa foram substituídos gradativamente por meios de comunicação alemães e austro-húngaros. A mera descrição dos acontecimentos militares também foi com maior regularidade guarnecida com textos analíticos, em geral traduções do que era publicado na imprensa alemã. Além dos periódicos germânicos e austríacos, *A Tribuna* passou a traduzir material produzido pela mídia de países neutros, mas que tinham uma proeminente articulação pró-Alemanha, como Espanha e Argentina. Nesse sentido, os brasileiros conheceram as opiniões de intelectuais espanhóis, e os escritos do correspondente argentino em Berlim, Manuel Mateo Campos, que passou a assinar a seção “Cartas da Alemanha”.²⁷

Mostrar aos seus leitores o que se passava também dentro das fronteiras teutas passou a ser de interesse do jornal. A movimentação política do *Reichstag* e declarações de membros do estado alemão eram comunicadas, e alguns documentos oficiais foram impressos em suas páginas, como o Código Militar do *Reich*. A seção “A Guerra”, onde geralmente eram publicados telegramas das representações diplomáticas dos Aliados, tornou-se um reduto exclusivo dos comunicados de plenipotenciários alemães e austríacos. Manifestações vindas de brasileiros e estrangeiros que se encontravam em solo alemão também foram divulgadas. Assim, o jornal deu notícia da reunião em Berlim de intelectuais de nacionalidade neutras em favor do *germanismo*,²⁸ e publicou a carta de agradecimento aos alemães escrita por estudantes brasileiros que deixavam o país em virtude da conflagração.²⁹

Os leitores que tinham opiniões sobre a conflagração semelhantes ao que era publicado no *A Tribuna* ganhavam destaque nas suas páginas. Antes de agosto de 1914, o jornal não possuía uma seção para publicações a pedidos, embora esta fosse comum à imprensa brasileira da época. No entanto, deflagrado o conflito na Europa, essa postura do *A Tribuna* pareceu mudar, em especial a partir de 1915. As cartas impressas que versavam sobre a Primeira Guerra Mundial

²⁶ *A Tribuna*, 21 out. 1915, n. 5779, p. 1.

²⁷ Segundo o guia para imprensa latino-americana produzido pelo governo britânico, o jornalista argentino Manuel Mateo Campos era uma conhecida figura dos *germanófilos* latino-americanos. Durante a guerra, atuou como correspondente na capital do *Reich* para diversos jornais que assumiram, em diferentes circunstâncias, um posicionamento pró-Alemanha. Dessa forma, seus relatos foram publicados no *La Unión*, de Buenos Aires; no *El Comercio*, de Quito; no *La Republica*, da Guatemala; e para os também brasileiros *O Diário*, de Porto Alegre. Campos escreveu também peças de propaganda, como o livreto utilizados *Documentos para la historia belgica y su neutralidad enigmatica* (1915), que recebeu a tradução para o francês *La neutralité belge* (1915). Outros jornais, que não tinham alinhamento com o Império Alemão, também fizeram uso dos seus serviços como correspondente em Berlim, como o *Jornal do Comércio*. A guide to the press of Central and South America. Watergate House, set. 1918, p. 23. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=a11DAQAAMAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR>. Acesso: 25 dez. 2024.

²⁸ “Os países neutros”. *A Tribuna*, 13 out. 1914, n. 5460, p. 1.

²⁹ “Um agradecimento”. *A Tribuna*, 20 nov. 1914, n. 5492, p.1.

reforçavam a crítica aos *aliadófilos* brasileiros e aos demais periódicos da capital por sua postura pró-Aliados, e elogiavam a cobertura de guerra do jornal nos artigos de opinião. Criava-se, assim, uma interlocução de narrativas alinhadas entre os leitores e o jornal, sem lugar para o contraditório.

Deste modo, a opinião de alguns leitores era posta em evidência. Foi assim em 23 de dezembro de 1914, com a carta de certo José Griseler. O remetente criticava o capitão do Exército e futuro fundador da Liga Brasileira pelos Aliados, Eliseu Montarroyos, por este ter reclamado em artigo do *Jornal do Comércio* sobre a presença de *germanófilos* no alto escalão do governo federal. As palavras de outro remetente, J. A. de Almeida, no dia 22 de julho de 1915, receberam o mesmo cuidado. Emoldurado por uma fotografia que mostrava as tropas alemãs em um momento de repouso, a carta de Almeida era uma réplica ao articulista do *Correio da Manhã*, Fernão Brasil, que em maio publicara o artigo “A cultura alemã”, um desagravo à produção cultural germânica. Almeida citava exemplos do que classificava como contribuições daquele país para as mais diversas áreas do saber: na literatura, na filosofia, na poesia, na história, na música, na física, na química. Ainda descreveu detalhadamente a vida intelectual dos alemães, das livrarias de Berlim à influência sobre os seus vizinhos, afirmando a decadência das ciências desenvolvidas em França. O texto do “leitor cotidiano do vosso amável e simpático vespertino” ocupou praticamente toda a primeira página do jornal, com status de artigo de capa: foi posto logo abaixo do título “A guerra europeia”, que, em geral, era utilizado para introduzir diariamente artigos sobre o conflito.³⁰

Novas seções para tratar exclusivamente da guerra foram criadas dentro do periódico. Por ora, se contabilizou quatro novos espaços, instituídos entre agosto de 1914 e abril de 1917: “A Guerra Europeia”, que abria o jornal com detalhes das frentes de batalhas e artigos de opinião, ilustrada por fotografias ou gravuras; uma seção especial para os telegramas e notas oficiais dos países componentes da *Vierbund*, que, a partir de dezembro de 1915, ganhou o nome de “A Guerra – Serviço especial telegráfico da Tribuna”; a já mencionada coluna de Mateo Manuel Campos, “Cartas da Alemanha”; e “Coisas da guerra”. Estas duas últimas eram de periodicidade irregular. O número de páginas também dobrou para oito até o ano de 1917. Essa quantidade, porém, não foi constante. O jornal, em algumas edições, chegou a atingir 12 páginas. A partir do segundo semestre de 1916, retornou para as quatro páginas originais.

³⁰ Almeida, J. A. de. “Em torno de um artigo do Sr. Fernão Cardim”. *A Tribuna*, 22 jul. 1915, n. 5696, p. 1.

O jornal servia como plataforma de divulgação para outras iniciativas em favor da Alemanha. Era o principal canal de comunicação da Liga Brasileira Pró-Germânia, imprimindo seus comunicados e artigos de análise; anunciava também os seus eventos, cedendo o seu escritório para a compra de ingressos das conferências e festas, e para a retirada dos brindes distribuídos ao público nessas ocasiões. Além da Liga Pró-Germânia, a Confederação Pró-Germânia também teve publicidade no *A Tribuna*, assim como publicações que tinham a guerra como temática e a *causa alemã* como perspectiva.

A revista espanhola *A Guerra: semanário de informações sobre a conflagração europeia*, em 1915; os livros *A Guerra europeia ilustrada*, publicado entre 1914 e 1916, e *Ilustrações da Grande Guerra* foram anunciados regularmente no jornal. Da mesma forma, a revista *A Guerra Europeia* e o jornal *Diário do Rio*, ambos editados no Brasil, também foram promovidos. O livro *Os crimes no Congo ou as barbaridades belgas*, de Arthur Conan Doyle e tradução de Dunshee de Abranches, foi editado em fascículos diários. Até mesmo um jogo de tabuleiro, “A Guerra em Família”, no qual os jogadores deveriam chegar a Berlim com o maior número de “homens” possível, foi apregoado pelo jornal como um “magnífico passatempo para as crianças”.³¹

A iniciativa de alinhar o vespertino à narrativa alemã contou com o apoio da comunidade de *falantes do alemão* local, no caso, os *Rio-Deutsche*. Destaca-se que modificações na linha editorial do vespertino se deram após a reunião na *Sociedade Germania*, ocorrida em setembro de 1914. Tal suporte teria acontecido de duas formas, sendo a primeira delas a publicação de artigos de análise sobre a guerra assinados por alemães e teuto-brasileiros. Escreveram para o jornal o acadêmico Jansen Müller Filho, o jornalista Waldyr Niemeyer, o arquiteto Heinrich Hinden e Alberto Groth, membros ativos da comunidade dos *Rio-Deutsche*.

Em segundo lugar, estava a compra de espaço publicitário. Entre os anos de 1915 e 1917, anúncios de casas de comércio, empresas e prestadores de serviços provenientes daquele grupo apareceram em considerável volume. Entre eles, pode-se citar reclames de firmas de capital alemão com representação brasileira, como a companhia de eletricidade Siemens, a agência de seguros Albingia, e a companhia de telégrafos Hasenclever & Co.; empresas teuto-brasileiras, como a cervejaria Brahma, a companhia de seguros Aachen & Munich, e a fábrica de chocolates Bhering; estabelecimentos como o Laboratório Daudt & Lagunilla, a Casa Hermann e o

³¹ “A guerra em família”. *A Tribuna*, 8 jan. 1916, n. 5837, p. 5.

restaurante Rorsenhalle; e profissionais liberais, como o médico e parteiro Alberto Friedmann, o dentista Oskar Stellmann e o advogado Guilherme Fischer Júnior. Associações étnicas como a *Sociedade Germania* e o Germania F.C. aparecem também entre os anunciantes. Algumas publicidades vinham escritas inteiramente em alemão, como a da *Sociedade* e os dos produtos do Laboratório Daudt & Lagunilla, que anunciavam o xarope Bromil fazendo referência ao imperador Guilherme II.

A Revista Vozes de Petrópolis

Outro periódico brasileiro apontado como um apoiador da *causa alemã* por Heinrich Hinden nas memórias da *Sociedade Germania* foi a revista *Vozes de Petrópolis*. Fundada em 1907 pela Ordem de S. Francisco, a *Vozes* não se restringia a assuntos religiosos. Era também uma revista científica e literária, como indicava o seu subtítulo. Os sumários expõem a variedade de temas abordados: religião e ciência; questões político-sociais; história e biografias; etnografia; imprensa; literatura e arte. Sua distribuição era nacional, em diferentes estados do país.

A *Vozes de Petrópolis* dispôs grande atenção à Primeira Guerra Mundial desde julho de 1914. Nos primeiros cinco meses do conflito, a “guerra europeia” foi o tema mais abordado pela revista em seus artigos, tornando-se um dos seus principais assuntos. Duas seções foram criadas especialmente para a conflagração: “Miscelânea” e “A Guerra: ecos e comentários”. A primeira seção - “Miscelânea” - era um compilado de notícias e notas publicadas em diferentes jornais fluminenses e internacionais, comentadas pelos editores da *Vozes*. Já “A Guerra” trazia notícias e notas opinativas sobre diferentes tópicos relacionados ao conflito, como, por exemplo, a reação dos católicos à guerra. Esta seção era a mais extensa de toda a revista, ocupando 17 páginas do total, e era assinada pelo editor Pedro Sinzig, sob o pseudônimo de Francisco de Lins. Recebeu diferentes títulos ao longo das edições de 1914 a 1917, como “Surpresas da guerra”, “O que há de novo na guerra”, “Do teatro da guerra” e “Novidades da guerra”. Entre 1916 e 1917, os títulos desta seção expressavam a opinião de Francisco de Lins sobre o momento atual do conflito.

A beligerância ocupava lateralmente outros espaços. Na seção “Dos nossos dias”, as breves notas sobre acontecimentos internacionais e sobre a política brasileira originalmente publicadas traziam também fatos sobre a conflagração. A autoria desta seção cabia ao escritor e jornalista Júlio Tapajós, que também era responsável pela “Crônica da Guerra”, na qual fazia uma análise sobre o estágio do conflito naquele momento. Era publicada esporadicamente, assim como a

seção “A imprensa alemã e austríaca e a guerra”, apresentando uma cronologia dos últimos acontecimentos baseada em periódicos dos impérios alemão e austro-húngaro.

Suas fontes declaradas de informação sobre o conflito eram cartas e jornais trazidos por vapores de nacionalidade neutra.³² Dos títulos estrangeiros, os diários católicos eram majoritariamente citados, como o alemão *Kolnische Volkszeitung* e o austríaco *Reichspost*. Títulos provenientes da Holanda, como o *Nieuwe Rotterdamsche Courant*, e da Itália, como o *Corriere d'Italia*, foram igualmente mencionados. Órgãos da propaganda alemã, como a agência Wolff e a revista *Heraldo* também foram mencionados. Da imprensa nacional, o jornal *A Tribuna* era constantemente citado, especialmente seus telegramas, reproduzidos com frequência na seção “Miscelânea”. Jornais católicos que circulavam entre núcleos de imigrantes germânicos no Brasil, como *Deutsches Volksblatt*, também tinham textos publicados na revista.

Outras gazetas fluminenses foram mencionadas no quinzenário. Porém, em geral, para serem refutadas em suas notícias sobre o confronto. Jornais de posicionamento pró-Aliados, como o *Jornal do Comércio*, *A Notícia* e *O Paiz*, eram citados em tom de crítica. Já em agosto de 1914, Pedro Sinzig reclamou da maneira como outros diários noticiavam a conflagração, sempre, em seu entendimento, de maneira desfavorável ao Império Alemão. “O telégrafo internacional está hoje nas mãos dos inimigos da Alemanha. Dizem que na Suíça são a Alemanha e a Áustria que propagam notícias falsas. Que os suíços se defendam e reajam!”, afirmava o frei, para emendar que “no Brasil, se dá o contrário, e é por isso que nos cumpre desfazer intrigas.”³³ O frei – editor-chefe da revista – incorporou como um objetivo do periódico ser um “documento histórico em que se registra o que ocorre de mais importante sobre a guerra [...]”.³⁴ Numa crítica direcionada ao jornal *O Paiz*, por seus comentários aos príncipes austríacos assassinados e ao imperador Francisco José, Sinzig afirmou:

Não nos passa a ideia pela cabeça, nem por um momento, de convencer, ou de ‘converter’ O Paiz. Queremos tão somente contribuir para a convicção, que um dia será vitoriosa, dos católicos, de que a imprensa atual não lhes dá o que, por direito, podem exigir, e que o diário católico, no Rio e nas outras capitais, é uma necessidade

³² Em um dos seus textos, Sinzig exaltou a chegada do vapor holandês *Tubantia*, que, “depois de semanas passadas na maior ânsia”, trouxera cartas e jornais do teatro de guerra. Lins, F. “Marte reinando”. *Voices de Petrópolis*, n. 19, p. 1152, jul-dez. 1914. A Holanda era um dos países neutros que servia como entreposto aos materiais de propaganda alemã encaminhados ao exterior. Londres. National Archives. *Memorandum on the German system of press control and propaganda*. Setembro 1916, p. 16. FO – 395-83.

³³ Sinzig, P. “A Guerra – Ecos e Comentários”. *Voices de Petrópolis*, n. 17, pp. 1033-1034, 01 set. 1914.

³⁴ Sinzig, P. “A Guerra – Ecos e Comentários”. *Voices de Petrópolis*, n. 17, pp. 1035, 01 set. 1914.

imprescindível. Os jornais que se dizem imparciais ou neutros foram caracterizados por Cristo: ‘Quem não é por mim, é contra mim.’³⁵

Ainda em algumas edições do ano de 1914, o seguinte recado foi direcionado a seus leitores, impresso antes da seção “A Guerra”: “Guardem as Vozes de Petrópolis! Desenrolam-se em nossos dias, acontecimentos tão assustadores e trágicos que mesmo as gerações futuras apreciarão ler documentos deste tempo”.³⁶ No entendimento dos editores, essa profissão significava defender a Alemanha das supostas calúnias que lhe eram direcionadas, patrulhando outros órgãos da imprensa fluminense, apontando o que seriam, em seu entender, incongruências sobre o noticiário de guerra, e oferecendo contrapontos.

A cobertura de guerra apresentada pela *Vozes* possuía algumas diferenças em relação ao que pode ser observado no jornal *A Tribuna*. Havia pouco uso de mapas, e fotografias do *front* alemão não eram reproduzidas na revista. Artigos escritos por autores alemães, austríacos ou de nacionalidade neutra, como argentinos e espanhóis, não eram replicados com frequência. No entanto, havia outros indicativos da aproximação do quinzenário e da Ordem dos Franciscanos com o esquema propagandístico daquele combatente.

Assim como acontecia n’*A Tribuna*, a revista contava com apoio financeiro de casas de comércio e de empresas alemãs e teuto-brasileiras, comprovados pelos informes publicitários que acompanhavam cada edição. Outro anunciante constante da *Vozes* foi o *Deutsche Südamerikanische Bank*, instituição financiadora da propaganda bélica germânica, conforme visto acima. Além disso, em 1917 a tipografia da *Vozes de Petrópolis* traduziu para o português o livro *Cultura alemã, catolicismo e guerra mundial. Réplica de defesa contra o livro La guerre allemande et le catholicisme*, editado por Jorge Pfeilschifter, docente de teologia da universidade suíça de Freiburg. O livro reunia em dois volumes uma série de artigos escritos por acadêmicos e membros do clero de nacionalidade alemã e suíça, abordando temas como “A Alemanha católica e as missões entre os pagãos”, “O Império, o Imperador e a equiparação religiosa”, e ainda “O *Kulturkampf* (luta religiosa) francês e alemão em suas origens e consequências”.

A publicação de monografias escritas por intelectuais, e sua tradução destinadas a países neutros, era uma estratégia comum ao sistema de propaganda germânico (Russ, 2022, p. 151).

³⁵ Lins, F. “O ódio diante de um velho fêretro” *Vozes de Petrópolis*, n. 14, p. 887, 16 jul. 1914.

³⁶ Lins, F. “Marte reinando”. *Vozes de Petrópolis*, n. 19, p. 1152, 01 out. 1914.

Além disso, o embaixador brasileiro em Montevidéu teria apontado os franciscanos como importantes artífices da propaganda do *Reich* no Rio de Janeiro (Compagnon, 2014, p. 106).

Cabe ressaltar que a propaganda alemã foi possível nos países neutros, inclusive nos latino-americanos, graças à ação dos *conectores*. Nesta função, desempenhada por imigrantes e agentes diplomáticos, o principal objetivo era atingir a sociedade local e conquistar suas simpatias. No caso da revista *Vozes de Petrópolis* e do jornal *A Tribuna*, a existência desses personagens foram fundamentais para a articulação da narrativa em favor dos Impérios Centrais junto à população. Sujeitos que transitavam entre os *Rio-Deutsche* e os brasileiros, Lindolfo Collor e Pedro Sinzig atuaram nessa posição ao longo da guerra, intercruzando diferentes interesses.

Os Intermediários: as Figuras de Lindolfo Collor e Pedro Sinzig

Entre os personagens que atuaram na capital federal em prol da campanha alemã, destacam-se os nomes de Pedro Sinzig e Lindolfo Collor. O primeiro era alemão naturalizado brasileiro, enquanto o último se enquadra na categoria de *falante do alemão*. Em ambos os casos, eram indivíduos que se mostravam totalmente integrados à sociedade brasileira, porém mantendo sua ligação étnica junto às comunidades de alemães e teuto-brasileiros da capital federal. No período da guerra, atuaram como elos entre esses dois lados, em favor dos diferentes interesses existentes neste cruzamento.

A atuação desses dois personagens expõe as *alianças étnicas* feitas pelas comunidades alemãs com as sociedades locais durante a Primeira Guerra Mundial. O conceito foi inicialmente usado por Panikos Panayi (2014a, p. 18) para mencionar o movimento de imigrantes teutos e seus descendentes para apoiarem as campanhas militares dos países em que residiam, em detrimento daquelas do Império Alemão, como forma de conter os ataques que sofriam como “inimigos estrangeiros”. Contudo, é pertinente identificar a partir da ideia de *aliança étnica* outra estratégia desenvolvida pelas comunidades alemãs no contexto do conflito mundial, no sentido de conter os danos provocados por sua exposição e perseguição enquanto minoria étnica. No caso dos núcleos localizados no Brasil, embora até abril de 1917 o Estado brasileiro tenha se mantido neutro, aqueles já sofriam efeitos negativos da conflagração, como demonstrado nos capítulos anteriores, fosse no âmbito material, fosse no âmbito simbólico. Tal situação de perseguição e ameaça apontou a necessidade de aproximação com os brasileiros, para que os

esforços para preservação da imagem da comunidade e, por consequência, dos seus interesses, tivessem amplo alcance e, dessa feita, maior sucesso.

Lindolfo Leopoldo Boeckel Collor era filho da primeira geração de imigrantes teutos vindos para o Brasil. Dominava o idioma alemão quando migrou da cidade de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, para o Rio de Janeiro em 1911. Ao invés de seguir os passos da família, ligada à área comercial, rumou para o ofício das letras, escrevendo em português. Tornou-se jornalista em algumas das principais gazetas do seu estado natal, o que lhe rendeu contatos que o levaram ao tradicional *Jornal do Comércio*. Portando uma carta de recomendação ao redator-chefe, João Lage, empregou-se ali e em algumas das maiores redações da capital federal, como *O País*, construindo um quadro de relações dentro da imprensa da cidade, tornando-se uma das figuras proeminentes de sua imprensa.

Dois anos depois, em novembro de 1913, desligava-se de suas funções no *Jornal do Comércio* para trabalhar no gabinete do ministro da Agricultura de Hermes da Fonseca, Edwiges de Queirós. Em fevereiro de 1914, o jornalista que chegara ao Rio sem referências diretas casava-se dentro da alta sociedade fluminense, com Hermínia de Sousa e Silva, filha de Luiz Bartholomeu. A ilustre lista de testemunhas mostra a distinção dos noivos: Félix Pacheco, diretor do *Jornal do Comércio*; Lauro Müller, ministro das Relações Exteriores; Pinheiro Machado, senador pelo Partido Republicano Rio-Grandense; e o escritor Coelho Netto. Embora possa se creditar a presença desses nomes ao prestígio de Luiz Bartolomeu, que também exercia o cargo de deputado federal paranaense em concomitância às suas funções de diretor d’*A Tribuna* e proprietário da empresa *O Malho S.A.*, Collor parecia ter tecido uma rede de contatos própria entre alguns dos nomes mais proeminentes da cena política e intelectual do país. O exame das suas correspondências pessoais aponta uma proximidade com Félix Pacheco e Coelho Netto. Collor também era amigo pessoal de Pinheiro Machado, quem o introduziu ao PRR e onde aproximou-se de outra personalidade de destaque da política rio-grandense, Borges de Medeiros.³⁷

Em 1919, convidado por Borges de Medeiros para assumir a direção d’*A Federação*, jornal do PRR, firmou-se como um dos quadros políticos da legenda. Em 1921, com grande apoio da comunidade teuto-brasileira do Rio Grande do Sul, para quem discursava em alemão, iniciou sua carreira na magistratura política como deputado estadual (Lemos, 2010). Em 1923, elegeu-

³⁷ Rio De Janeiro. *Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil CPDOC/FGV*. Arquivo Lindolfo Collor. LC 1913.00.00/ LC 13.01.29/LC 22.11.1913.

se deputado federal, retornando ao Rio de Janeiro. O nome de Lindolfo Collor estaria presente nos principais acontecimentos políticos da década de 30. Participou da Aliança Liberal, da qual redigiu o manifesto nacional. Com a derrota da coligação liderada por Getúlio Vargas e João Pessoa, foi um dos articuladores da Revolução de 30 e tornou-se o primeiro chefe da pasta do Ministério do Trabalho, após o movimento sair vitorioso. Contrariado com os rumos do governo de Vargas, partiu para a oposição, participando da Revolta Constitucionalista de 1932. Collor foi um dos exilados pelo Estado Novo, e recusou a condição dada por Oswaldo Aranha de não se envolver em política, para que pudesse retornar ao Brasil. Em concomitância à sua trajetória política, Collor manteve ativa sua atuação como homem da imprensa, apresentando-se como jornalista de profissão até o seu falecimento, em 1942.³⁸

No *A Tribuna*, foi um dos seus articulistas. Quando a folha adotou a narrativa pró-Alemanha, Lindolfo Collor era o seu editor-chefe. Ao longo do conflito, manteve dentro da empresa *O Malho* uma trajetória ascendente: em abril de 1918, foi anunciado o diretor da sociedade anônima, substituindo o sogro, Luiz Bartholomeu, que se afastava do comando da entidade.³⁹ Ao lado de Demétrio de Toledo e Raul Pereira Maia, Lindolfo Collor liderou o processo de modernização do vespertino, o que incluiu a remodelação das páginas e a compra de novo maquinário.⁴⁰

Provavelmente, foi por seu intermédio que a redação do vespertino se uniu aos esforços dos *Rio-Deutsche* e da legação diplomática liderada por Adolf Pauli, e colocou suas páginas à disposição da campanha dos Impérios Centrais. De acordo com a documentação britânica, o fez em troca da quantia de 1000 a 1500 francos mensais.⁴¹ Outro indicativo da atuação de Collor como possível *conector* dos interesses germânicos e teuto-brasileiros foi sua passagem pela Europa nos dois primeiros meses da guerra. Em setembro de 1914, Collor esteve na Suíça como enviado extraordinário e ministro plenipotenciário brasileiro, a mando do Ministério da Agricultura. Em 14 de setembro, esteve em Berlim, uma visita que pode ter selado acordos que viabilizaram a circulação da propaganda bélica no diário de seu sogro.⁴² Collor também mantinha laços que o aproximava das comunidades de imigrantes alemães, vide a presença de

³⁸ Rio de Janeiro. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil CPDOC/FGV. Arquivo Lindolfo Collor. LC 1924.03.29.

³⁹ *A Tribuna*, 22 abr. 1918, n. 6531, p. 1.

⁴⁰ Rio de Janeiro. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil CPDOC/FGV. Arquivo Lindolfo Collor. LC 18.06.04.

⁴¹ *A guide to the press of Central and South America*. Watergate House, set. 1918, p. 41.

⁴² Rio de Janeiro. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil CPDOC/FGV. Arquivo Lindolfo Collor. LC 12.05.11.

Lauro Müller como padrinho de seu casamento. A partir da década de 20, Collor teve na comunidade alemã uma base de apoio importante para as suas ambições políticas, enquanto jovem quadro do Partido Republicano Rio-Grandense, discursando no idioma de seus pais quando precisava dirigir-se àquele grupo (Lemos, 2010).

Já o franciscano Pedro Sinzig nascera em Linz, na Alemanha, em 1876. Transferiu-se para o Brasil ainda jovem, aos 17 anos, como noviço, juntamente com outros missionários franciscanos alemães. Primeiramente, estabeleceu-se em Salvador, Bahia, passando por Olinda, em Pernambuco, e Blumenau, em Santa Catarina. Em 1899, naturalizou-se brasileiro. Ao longo dos anos que esteve no Brasil, Sinzig manteve uma ativa vida intelectual. Foi poeta, romancista e estudioso de música sacra, escrevendo uma vasta obra sobre o assunto. Na sua trajetória, destaca-se sua atuação na imprensa, encabeçando o projeto para a criação de uma imprensa católica no país.

Antes da guerra, Sinzig esteve em sua terra natal. Em 1910, antes da realização do Congresso dos Jornalistas Católicos, foi convidado pelo *Reichstag* para palestrar sobre sua atuação na imprensa brasileira, e “para conhecer melhor as organizações da imprensa alemã” (Sinzig apud Almeida, 2016, p. 342). Na ocasião, percorreu a Alemanha, Holanda e Roma, conseguindo doações que possibilitaram a compra de equipamentos para a *Vozes de Petrópolis* e para o Centro da Boa Imprensa, como uma impressora *Windsbraut*.

O auxílio pecuniário deve ter lhe custado uma contrapartida. A *Vozes de Petrópolis* traduzia para o português textos em alemão e resenhas de publicações cuja autoria era teuto-brasileira. Dessa forma, a revista serviu também à apresentação de aspectos culturais da Alemanha, dialogando com a política de aproximação cultural do Império Alemão com o Brasil nas primeiras décadas do século XX.

Por fim, Sinzig e Collor integraram segmentos das comunidades alemãs no Brasil destacados por sua proximidade à sociedade brasileira, o que corrobora suas posições como *conectores* em meio ao conflito. De acordo com Frederick Luebke (1989, p. 58), a juventude, residir em áreas urbanas, possuir alto grau de instrução, trabalhar no setor industrial e praticar o catolicismo, em geral aumentavam a probabilidade de o *falante do alemão* estabelecer conexões com a sociedade local. Embora identificados com o *Deutschtum*, a adoção de certas práticas tornava mais fluidas as fronteiras entre germânicos e brasileiros, como o aportuguesamento dos nomes e a exogamia (Luebke, 1989, p. 57-58).

O Estado de Beligerância e a Imprensa Brasileira

O colapso das relações entre o Brasil e o Império Alemão foi acompanhado pelo jornal *A Tribuna* e pela revista *Vozes de Petrópolis*. As sucessivas mudanças no *status* brasileiro ocorridas em 1917 – do rompimento diplomático com Berlim à declaração de guerra – provocaram alterações na linha editorial dos dois periódicos. A partir daquele ano, a beligerância ganharia novo tratamento das respectivas redações.

Antes da crise de abril, *A Tribuna* já apresentava diferenças no tratamento da conflagração. O espaço dedicado às notícias sobre o conflito ficou reduzido a três colunas da primeira página, onde constavam apenas os telegramas encaminhados à redação. Artigos de opinião tornam-se menos frequentes do que em anos anteriores e limitados aos momentos críticos, como o reinício da guerra submarina irrestrita alemã, o desencadear da Revolução Russa e a entrada dos Estados Unidos no confronto.

O bombardeamento do navio brasileiro *Paraná*, de início, foi abordado sob um tom ainda pró-*Reich*. Em 7 de abril, a manchete dada ao acontecimento foi “O sinistro do Paraná”, amenizando o ocorrido.⁴³ Tal intenção se respalda na publicação de uma rara entrevista com Adolf Pauli, que levantava dúvidas sobre o torpedeamento do navio por um submarino alemão. Juntamente à entrevista, havia uma nota do consulado geral da Alemanha, do ministro brasileiro em Berlim, Silvério Gurgel do Amaral, e falas ao jornal do diretor da Companhia de Comércio e Navegação, proprietária do *Paraná*, dando a entender que o caso ainda precisava de maiores averiguações. A cobertura buscava ainda desmentir represálias da população contra a comunidade alemã na cidade.⁴⁴ Dois dias depois, no entanto, o vespertino alterou sua interpretação dos fatos.⁴⁵ Impulsionado pelo acirramento das tensões diplomáticas entre Brasil e Império Alemão, tratava como certeza o rompimento das relações entre os dois países, trazendo a manchete “A América na guerra” para abrir aquela edição. Já o incidente naval foi apresentado como “afundamento” ao invés de “sinistro”.⁴⁶

⁴³ O bombardeamento ao navio *Paraná* aconteceu em 05 de abril. No entanto, a edição do *A Tribuna* do dia seguinte ao ataque não foi encontrada para consulta.

⁴⁴ “O sinistro do Paraná. Uma entrevista com o ministro alemão. Notas e informações”. *A Tribuna*, 7 abr. 1917, n. 6215, p. 1.

⁴⁵ Ressalta-se que a edição do dia 08 de abril também não pode ser consultada, por não estar presente no acervo da *Biblioteca Nacional*.

⁴⁶ “América na guerra”. *A Tribuna*, 9 abr. 1917, n. 6216, p. 1.

O mês de abril marcou a expressiva transformação na postura do jornal no tocante ao conflito. No dia 10, a seção *Em torno da guerra* trouxe aos leitores traduções de artigos originalmente publicados na imprensa parisiense, como o *Petit Parisien* e o *Information Universelle*.⁴⁷ No dia seguinte, a manchete “O Brasil a um passo da conflagração” foi ilustrada com uma grande gravura com o rosto dos chefes de Estado aliados, tendo ao centro e em destaque as feições de Wenceslau Brás.⁴⁸ Críticas a Lauro Müller também foram publicadas ao longo daquele mês. O chanceler, outrora elogiado, foi acusado de “falta de prestígio pessoal e político”⁴⁹. Quando se demitiu do cargo, em meio à suspensão da neutralidade, o editorial afirmou que

[...] o desastre pessoal do Sr. Lauro Müller originou-se da sua famosa presunção de sagacidade política. Quis enganar a todos e não conseguiu enganar a ninguém. Comodista e politiquero por índole, acostumado a todas as transigências, entendeu que também nesta hora de excepcionais gravidades para o país poderia transigir com os interesses nacionais em favor das suas próprias conveniências. O erro foi-lhe funesto, e a queda não se fez esperar. É engano manifesto pensar que o Sr. Lauro Müller se conduzisse com tanta indecisão na gestão das relações exteriores, influenciado pelo seu atávico amor à Alemanha. Essa indecisão está na psicologia de S. Ex. Ela forma a parte essencial do *substractum* da sua personalidade.⁵⁰

O rompimento das relações entre Brasil e Alemanha resumiu o alinhamento com a narrativa germânica dos eventos. Todos os aspectos que identificavam o jornal com a estrutura da propaganda bélica germânica desapareceram. Informes publicitários de firmas, casas de comércio, profissionais liberais e de bancos alemães foram suprimidos, assim como o uso de gravuras, fotografias e outras ilustrações. Os telegramas, por sua vez, passaram a ser emitidos por Londres, Nova Iorque, Lisboa e Paris, além da Agência Americana.⁵¹ A saída do país de Adolf Pauli e sua comitiva, noticiada por várias edições, e os ataques contra os núcleos alemães de Porto Alegre, foram os últimos atos de simpatia do jornal com os teutos. Por sua vez, críticas contra o Kaiser e até mesmo contra os *Rio-Deutsche* foram publicadas ao longo dos dois últimos anos da guerra.

No entanto, em contraponto ao aumento da participação do Estado brasileiro na guerra, o noticiário do conflito foi reduzido ainda mais entre 1917 e 1918. Em maio de 1917, a conflagração ocupava duas colunas do canto direito da primeira página; em junho, deixou o

⁴⁷ “Em torno da guerra”. **A Tribuna**, 10 abr. 1917, n. 6217, p. 4.

⁴⁸ **A Tribuna**, 11 abr. 1917, n. 6218, p. 1.

⁴⁹ “Brasil-Alemanha. A manifestação de hoje”. **A Tribuna**, 14 abr. 1917, n. 6221, p. 1.

⁵⁰ “A demissão de Lauro Müller”. **A Tribuna**, 03 mai. 1917, n. 6237, p. 1.

⁵¹ Alguns telegramas continuaram com a assinatura **A Tribuna**.

frontispício para ser encontrada na segunda página. Ao final daquele mês, a guerra foi relegada à quarta página, enquanto a política interna brasileira reassumiu o protagonismo na gazeta.

Porquanto os exemplares do trimestre de outubro, novembro e dezembro não estão disponíveis para consulta, não foi possível analisar a postura do jornal diante da declaração de guerra brasileira ao Império Alemão.⁵² Porém, o estudo das edições de 1918 disponíveis mostram não haver alteração na cobertura de guerra do vespertino por conta da mudança do *status* brasileiro. A conflagração seguia como um assunto secundário, eventualmente ocupando a primeira página, em função, por exemplo, de alguma batalha decisiva.⁵³

Já a revista *Vozes de Petrópolis* manteve a conflagração em evidência até abril de 1917. A seção assinada por Francisco de Lins permaneceu sendo publicada sem qualquer redução do seu espaço: continuou-se a reproduzir artigos publicados em outros jornais, e a indicação de livros que versavam sobre a guerra de uma perspectiva pró-Alemanha. Em março de 1917, a beligerância ganhou novo setor, através da colaboração fixa de Carlos de Laet. No entanto, a deterioração das relações diplomáticas teuto-brasileiras alterou por completo tais diretrizes. Ao contrário do jornal *A Tribuna*, a revista optou por suprimir a temática da guerra por completo, conforme anunciado na edição da segunda quinzena de abril. Lê-se a seguinte nota assinada pelos editores:

Devido a uma ordem formal motivada pelas circunstâncias atuais, a redação desiste da publicação do artigo já composto e de qualquer outro sobre a guerra. Em compensação, procurará tornar ainda mais interessante e proveitosa a leitura da revista, por duplo cuidado na escolha da matéria.⁵⁴

Desde então, o conflito deixou de ser referido e comentado pelo periódico. A seção exclusiva à guerra foi substituída por “A voz do episcopado”, onde eram publicadas notícias sobre a Santa Sé; indicação de livros alemães, críticas e detratações aos Aliados não aconteciam mais. Na seção “Dos nossos dias”, notícias da Alemanha e da Áustria tornaram-se inconstantes, quando não eram completamente excluídas. A suspensão da neutralidade e a declaração de guerra ao Império Alemão não tiveram qualquer referência na revista, que voltou a focar na construção de uma imprensa alinhada a diretrizes católicas.⁵⁵ Do período anterior a abril de 1917, restou

⁵² Segundo a equipe da divisão de periódicos da Biblioteca Nacional, os exemplares estão por demais danificados para serem disponibilizados para consulta aos pesquisadores.

⁵³ Os exemplares dos anos de 1918, vale recordar, estão com a sequência diária fragmentada.

⁵⁴ “Aos nossos leitores”. *Vozes de Petrópolis*, 16 abr. 1917, n. 8, p. 491.

⁵⁵ Essa afirmação pôde ser extraída da leitura dos índices referentes aos meses de outubro e dezembro de 1917, pois, assim como ocorreu com *A Tribuna*, as edições da *Vozes* referentes a esse período não estão disponíveis para consulta no acervo da Biblioteca Nacional.

apenas os informes do *Deutsche Südamerikanische Bank*, que se conservou como anunciante ao longo de 1917 e 1918. Esta permanência pode ser interpretada como uma demonstração das ligações anteriores entre a equipe da *Vozes* e instituições alemãs, simpática aos interesses políticos-comerciais teutos no país. A guerra voltaria a ser mencionada somente na assinatura do armistício. Na seção “Dos nossos dias”, no tópico dedicado a Alemanha, lia-se: “A Alemanha assinou o armistício com os aliados, devendo o mesmo durar 36 dias. Está assim, felizmente, terminada a guerra”.⁵⁶

Não se pode ignorar que as mudanças na abordagem da conflagração pelos dois órgãos sofreram a provável influência da censura, implementada após a declaração de guerra.⁵⁷ No Brasil, a censura atingiu três meios de comunicação: o telégrafo, os correios e a imprensa. A maior capilaridade dos impressos e periódicos entre a população podem justificar o fato de ter sido esse setor da comunicação o primeiro a ser limitado por restrições ditadas pelo governo federal. Em 27 de outubro de 1917, um dia após a declaração de guerra, o gabinete de Wenceslau Brás tornava público um conjunto de 14 proibições que recaiam sobre imprensa: entre elas, a proibição de publicações em língua alemã, de informações militares ou consideradas potenciais incitação à desordem.

Considerações Finais

O presente artigo buscou analisar de maneira breve a forma como se construiu uma imprensa favorável a Alemanha no Rio de Janeiro, durante a Primeira Guerra Mundial. Rompendo com o favoritismo aliado demonstrado pelos periódicos da capital, o jornal *A Tribuna* e a revista *Vozes de Petrópolis* narraram o conflito a partir de uma perspectiva germânica. Utilizando-se de fontes ligadas ao *Reich* e ao sistema de propaganda bélica, buscaram não apenas informar os seus leitores sobre o que se passava naquela linha de frente, mas formar uma opinião pública simpática à *causa alemã*.

Uma das motivações das respectivas redações ao assumirem tal postura pode ser percebida na proximidade com os *Rio-Deutsche*, a comunidade de imigrantes alemães e teuto-brasileiros residentes no Rio de Janeiro. Esta se fez presente nas seções de anúncios de ambos os periódicos, com empresas, casas de comércio e serviços ligados à comunidade compondo parte

⁵⁶ “Dos nossos dias”. *Vozes de Petrópolis*, 16 nov. 1917, n. 28, p. 1364.

⁵⁷ As informações a respeito da instalação da censura no Brasil durante a Primeira Guerra Mundial foram extraídas da tese de Fernanda Bana Arouca (2023, p. 89-111).

significativa da publicidade. Outro indício dessa relação são os nomes que estiveram no comando das edições nos anos da guerra, o frei Pedro Sinzig e o jornalista Lindolfo Collor. Enquanto o primeiro era um alemão naturalizado brasileiro, o segundo tinha ascendência germânica, o que é um demonstrativo da sensibilidade para a presença alemã no conflito e os ataques sofridos por aquele país na imprensa local.

Por fim, podemos concluir que a Primeira Guerra Mundial assumiu diferentes nuances no Brasil. Embora o governo de Venceslau Brás tenha se mantido neutro, a sociedade, em seus diferentes setores, produziu interpretações diversas sobre os acontecimentos. A imprensa *germanófila* fluminense aparece, portanto, como um demonstrativo dos interesses e representações que o conflito mundial suscitou no país.

Referências

Abranches, D. **A Ilusão Brasileira**. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1917.

Anderson, Benedict. **Comunidades Imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Arouca, F. B. **Para Além das Trincheiras**: propaganda, censura e narrativa da Primeira Guerra Mundial no Brasil (1914-1918). Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2023.

Barbosa, M. **Os Donos do Rio**. Imprensa, poder e público. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2000.

Becker, Jean-Jacques. A opinião pública. In: Rémond, R. (org.). **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: FGV, 2003. pp. 185-211.

Beurier, J. ‘Press/Journalism (France)’. **International Encyclopedia of the First World War**. Berlin: Freie Universität Berlin, 2014. Disponível em: <https://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/pressjournalism-france/>. Acesso em: 14 fev. 2025.

Broca, B. **A Vida Literária no Brasil**: 1900. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.

Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, **CPDOC/FGV**. Arquivo Lindolfo Collor.

Compagnon, Olivier. **O Adeus à Europa**. A América Latina e a Grande Guerra. Rio de Janeiro: Rocco, 1960.

Fundação Biblioteca Nacional – Seção Periódicos [A **Tribuna** – 1914-1918; **Vozes de Petrópolis** – 1914-1918]

Garambone, Sidney. **A Primeira Guerra Mundial e a Imprensa Brasileira**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

Gértz, R. ‘Germanismo’. In: Gértz, R. **O Perigo Alemão**. Porto Alegre: UFRGS, 1991. pp. 32-45.

Hinden, H. **Deutsche und deutscher Handel in Rio de Janeiro - Ein hundertjähriges Kulturbild zur Zentenar Feire der Gesellschaft “Germania” (1821-1921)**. Rio de Janeiro: s/ed, 1922.

Keisinger, F. Press: journalism. **International Encyclopedia of the First World War**. Berlin: Freie Universität Berlin, 2014. Disponível em: <https://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/pressjournalism/> >. Acesso em: 20 jan. 2025.

Lemos, R. “Lindolfo Collor”. In: Abreu, Alzira Alves de et al (coord.). **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010. Disponível em: <https://www18.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/lindolfo-leopoldo-boekel-collor>
Acesso em: 05 fev. 2023.

Luebke, F. C. **Germans in Brazil: a comparative history of cultural conflict during World War I**. Louisiana: Louisiana State University Press, 1987.

Melville, L. **German Propagandist Societies**. Washington: Government Printing Office, 1918.

Meynaud, Jean. **Os Grupos de Pressão**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1966.

MI 7. **A Guide to the Press of Central and South America**. Watergate House, set. 1918. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=aI1DAQAAMAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR>. Acesso em: 20 jul. 2022.

Michahelles, M. **A ‘Colônia Alemã’ do Rio de Janeiro: a Sociedade Germania e a construção de uma identidade teuto-brasileira**. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2003.

Needell, J. D. **Belle Époque Tropical: Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

Panayi, P. Germans as Minorities during the First World War: Global Comparative Perspectives. In: Panayi, P. (ed.) **Germans as Minorities during the First World War**. New York: Routledge, 2014. pp. 3-25.

Pinheiro, L.; Silva, Bartolomeu Sousa e. “Lindolfo Collor”. In: Abreu, Alzira Alves de et al (coord.). **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/SILVA,%20Bartolomeu%20Sousa%20e.pdf>. Acesso em: 06 jan. 2023.

Pires, L. ‘Os Rio-Deutsche e a construção da campanha germanófila no Brasil durante a Primeira Guerra Mundial’. Buenos Aires, n. 8, pp. 31-51, jul.-dez., 2025. Disponível em:

<http://revistascientificas.filo.uba.ar/index.php/historiayguerra/article/view/15989/14920>. Acesso em: 21 jan. 2026.

Pires, L. **Intelectuais nas Trincheiras**. Curitiba: Appris, 2019.

Rinke, S. **Latin America and the First World War**. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.

Russ, C. **¡A los Americanos! Deutsche Propaganda in Lateinamerika Während des Ersten Weltkrieges (1914-1918)**. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 2022.

The National Archives – **Foreign Office (FO)**. America – News Department (1916-1918), [s.d], pp.395-83.

Welch, D. **Germany and Propaganda in World War I: Pacifism, Mobilization and Total War**. Londres: Bloomsbury Publishing, 2014.